



PIEIDADE LALANDA
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES

ENSINO SUPERIOR E TRANSIÇÃO PARA A IDADE ADULTA

A entrada no ensino superior constitui um acontecimento significativo no processo de construção identitária. Se, para uns, é uma decisão lógica, que reproduz o contexto familiar e a classe social a que os jovens pertencem, para outros, é claramente uma escolha que, não se enquadrando na “escolaridade obrigatória”, pode representar um ganho em autonomia e independência, numa estratégia de diferenciação do contexto social de origem. Nas sociedades contemporâneas, a qualificação é, sem dúvida, a principal ferramenta que permite fazer escolhas e construir alternativas de projetos de vida. As transições, enquanto acontecimentos que cruzam *temporalidade* e *identidade*, constituem momentos ou eventos que provocam impactes sobre a identidade social e a própria definição de si mesmo. E, segundo Lahire, a integração desses acontecimentos na identidade implica entrecruzar recursos do percurso anterior, com dimensões estruturais do presente, instituições e modelos de referência. A análise desta complexa malha de fatores permite explicar a escolha dos estudantes, do secundário, face ao ensino superior. Este foi o principal objetivo da pesquisa efetuada, no âmbito do 40º aniversário da Universidade dos Açores (UAc), junto de

3009 estudantes do ensino secundário da Região Autónoma dos Açores, de um total de 5607 que frequentavam o ano letivo 2015/16, ou seja, 54% dos estudantes matriculados no 10º, 11º e 12º anos. Quantos, desses estudantes, pretendiam continuar a estudar? Quem o pretendia fazer? Que variáveis condicionavam essa escolha? Em que medida a UAc era uma opção? Estas foram algumas das questões, para as quais procuramos resposta. Concluímos que 71,9% dos inquiridos pretendia ingressar no ensino superior, 61% dos quais para obter uma Licenciatura (nível 6) e 10,9% um Curso Superior Técnico Profissional (nível 5). Os restantes tinham preferiam fazer um estágio profissional (11,9%) ou entrar no mercado de trabalho (13,4%). Apenas 2% não perspectivava nem estudos, nem emprego. Em relação aos estudantes que optavam pelo ensino superior, 35,9% escolheria a UAc e 64,1% outros estabelecimentos de ensino superior. Quem são esses estudantes que pretendem continuar a estudar? São mais raparigas (67,7% contra 52% dos rapazes); sobretudo, com 15 anos, que frequentavam o 11º ano e que nunca tinham reprovado. Se compararmos rapazes e raparigas, em função da idade, verificamos que os rapazes começam a manifestar vontade de

abandonar os estudos a partir dos 17 anos, enquanto as raparigas, depois dos 20 anos. Não é apenas o avançar da idade no secundário, associado à reprovação de anos, que contribui para o abandono do percurso escolar, também a frequência das vias profissionais aumenta o desinteresse pelo ensino superior. Que nível de escolaridade tem os pais destes estudantes? A grande maioria não possui mais do que o 3º ciclo, particularmente os pais (65,5%), apesar de 20,5% das mães possuírem o ensino superior. Existe uma correlação direta entre, escolaridade dos pais e opção dos filhos. Quem pretende continuar a estudar tem pais mais escolarizados e, aqueles que pensam desistir do percurso académico são, em muitos casos, filhos de pais, particularmente mães, com baixa escolarização. Entrar no ensino superior não é uma consequência natural, mas uma escolha que pode representar um momento de crescimento/amadurecimento, que adia a transição para o mercado do emprego ou o casamento. Sendo estes, acontecimentos tradicionalmente associados à transição para a vida adulta, escolher prolongar o percurso académico, não significa prolongar a adolescência. A transição para o ensino superior é, cada vez mais, uma estratégia de cons-

trução identitária, particularmente para as raparigas que, desta forma, contrariam os tradicionais papéis femininos. Para estes estudantes, o ensino superior significa um ganho de responsabilidade, autonomia e independência e uma menor sujeição ao controlo e acompanhamento por parte dos adultos.

Num contexto, como o atual, marcado pela incerteza do mercado de emprego, novos modelos para ser adulto e desempenhar os papéis sociais de género, os percursos de vida deixaram de ser processos lineares, com etapas bem definidas. São cada vez mais longos, complexos e, sobretudo, construídos de forma individualizada, face a um futuro nem sempre fácil de perspectivar.

O ensino pós-secundário representa um *pull factor* (factor propulsor), particularmente para jovens sujeitos a *push factors* (factores retratores) que, vivendo em condições mais desfavoráveis, reconhecem a desigualdade a que ficariam sujeitos se interrompessem ou desistissem de estudar e que, por esse motivo, veem o ensino superior como um *pull factor* ou seja, uma alternativa estratégica que pode proporcionar a mobilidade social desejada. Nesse quadro, a maior presença de estudantes do sexo feminino parece estar associada a uma maior consciência da desigualdade a que as mulheres ainda são sujeitas, sempre que o ser mulher é associado ao universo das tarefas domésticas, do casamento e do cuidado familiar. Frequentar o ensino superior representa, para estas estudantes, uma aposta num



pull factor, que evita um destino de dependência e permite construir um projeto de vida diferente.

Em síntese, oriundos de famílias onde, na maioria dos casos, os pais não possuem o ensino superior, apenas 20% dos estudantes do ensino secundário na Região Autónoma dos Açores (2015/16) não encarava a possibilidade de continuar a estudar no ensino superior, optando por ingressar no mercado de emprego.

Para os restantes, frequentar a universidade, mais do que um diploma académico, significa assumir, individualmente, a construção do ser adulto. O facto os estudantes do sexo feminino revelarem, em maior número, intensão em

prosseguir estudos, independentemente do contexto social de origem, leva-nos a concluir que a construção do estatuto de adulto se faz de forma diferenciada em função do género. Apostando no prolongamento de estudos, as raparigas mantêm durante mais tempo uma dependência financeira face à família, ao invés dos rapazes que começam mais cedo a viver do rendimento proveniente do trabalho. O ensino superior tem vindo, progressivamente, a alterar o modo como os jovens acedem ao mercado de emprego, particularmente as raparigas que, dessa forma, vão transformando o lugar que atribuem aos papéis familiares, na construção da sua identidade.